

## A CAMINHO DE FULHAM ROAD

Márcia Moura da Silva<sup>1</sup>

Cláudio pisava o chão com dificuldade, pois as botinas velhas que comprara na loja de segunda mão pesavam como pedra. Com certeza, no dia seguinte, as batatas das pernas estariam doloridas. Mas aquele peso de nada importava, pois o ruído dos seus passos sobre as folhas secas o fascinava. Deu um chute num punhado delas só para fazer mais barulho. Era como se o chão estivesse forrado com batatinhas *chips*.

Pela enésima vez, enxugou com a barra da capa a aguinha que teimava em escorrer pelo nariz. Pensou em Sandra, e ficou triste. Então pensou em Sonya para se esquecer da ex.

A noite estava fria, como sempre. Mas uma linda lua cheia iluminava todo o céu com tamanho capricho, que Cláudio jurava nunca ter visto lua tão linda como aquela. Sua luz desenhava a silhueta dos tetos das casas e dos prédios baixos como se fosse uma cena cinematográfica. Cláudio parou por alguns segundos para admirar aquela cena agora familiar, e, paradoxalmente, desejou estar no Brasil. A noite londrina era fria demais para seu gosto. Um dia iria voltar. Tinha que voltar.

Almejava, mais que tudo, caminhar por entre sua própria gente novamente. E não seria como o sonho que tivera. Como fora mesmo? Ah, que sonho mais sem esperança! Ele, lá no Viaduto do Chá, completamente sozinho, sentindo o ar poluído de São Paulo tocar-lhe as narinas. Sonho sem som, sem cor, sem emoção. Sem emoção, não. Ele, o sonhador, ele, que sabia que estava sonhando, mas que não podia acordar, sentia no momento do sonho, uma angústia lhe apertar o peito. Sentiu uma paralisia lhe tomar o corpo todo, o corpo que deitava na cama. Mas o Cláudio do sonho; o Cláudio que caminhava sobre o Viaduto do Chá, sentia as pernas pesarem como chumbo. Onde estariam todas as pessoas que povoavam a megalópoles? Sozinho, sozinho, sozinho. Ter, finalmente, aberto os olhos, fora um alívio, pois havia, sim, esperança.

---

<sup>1</sup> Doutoranda do curso de Pós-Graduação dos Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: marciamouras@hotmail.com.

Agora faltava pouco para chegar a Fulham Road. Continuou a caminhar, mas logo parou novamente. Encostou-se contra um muro e esperou um gato passar. Assustou-se, pois o gato era enorme, como a maioria dos gatos ingleses. Mas o gato se assustou ainda mais com ele, e saiu correndo como uma bala, encrespando as folhas secas por onde passava.

Cláudio leu o nome da rua: Mimososa Street. Reconhecia o nome. Tinha quase certeza que aquela era a rua onde Sandra tinha sido atacada. Mimososa Street. Tinha quase certeza. "Um homem alto e gordo", fora sua descrição. Alto e gordo. Como pôde se safar, logo ela, tão pequena? "Uma cicatriz que ia da boca à orelha". Da boca à orelha. Um arrepio lhe percorreu o corpo, e sentiu os pêlos longos dos braços se levantarem.

Ao entrar na Fulham Road, as luzes amareladas da rua lhe ofuscaram a visão. Instintivamente, tapou os olhos com o antebraço. Quando abaixou o braço, seus olhos encontram os olhos de uma mulher que caminhava em sua direção. Os olhos dela pareceram petrificados. Ela entreabriu a boca, e parecia querer gritar, mas a boca permaneceu em silêncio. Ele continuou, imperturbado.

Correu para pegar o número quatorze, mas o ônibus não parou. Não tinha importância, pois eram só dois pontos mesmo. Mas de qualquer forma, fez um sinal obscuro para o motorista, mesmo que o ônibus já fosse longe. Que isso lhe servisse de lição!

O motorista de um Ford azul buzinou, e o do carro seguinte o copiou. Logo, pareceu-lhe que todos os carros da rua estavam buzinando. Ficou incomodado. Era para ele. Sentiu-se perseguido.

Um casal passou e ficou olhando para trás. Cláudio também olhou para eles. Abriu os braços, revelando o vermelho do forro da capa. O casal saiu correndo. Cláudio deu uma risadinha fraca, que logo se transformou em gargalhada. Uma longa gargalhada solitária. Passou o indicador na ponta afiada dos dentes, e continuou a caminhada.

Avistou uma menina com saia curta a poucos metros. Acelerou o passo. Só já muito perto, sentiu o cheiro do perfume dela. Aspirou bem fundo. O nariz não estava funcionando direito. Maldita *flu*! Era bom, o perfume; eram bonitas, as pernas. Inesperadamente, a menina se virou. Imediatamente, ele mirou os olhos dela. Azuis. Ela lhe abriu caminho. Ele passou e logo olhou para trás, mas ela já tinha sumido.

Um grupo barulhento de rapazes estava se aproximando. Cláudio entendia somente palavras avulsas. Deveria ter se matriculado naquela escola de inglês para estrangeiros em Tottenham Court Road. Quando tivesse um tempo livre, pois agora tinha muito trabalho no

restaurante. Eram infinitas panelas para lavar, e pilhas e mais pilhas de pratos para enxugar. A lembrança do restaurante lhe virou o estômago. Um dia, um dia..., pensou resignado.

- Bloody 'ell! Gritou um dos rapazes. Os demais nem esperaram, e saíram todos correndo. Cláudio ficou ofendido, mas já estava até acostumado.

Sentiu-se aliviado ao avistar o prédio de esquina de dois andares, com a sacada escura; a sacada de onde costumava ficar olhando, a uma distância segura, as pessoas passarem pela rua de luzes amareladas. Colocou a mão no bolso para procurar a chave, mas nada encontrou. Aborreceu-se consigo mesmo, pois só então percebeu que esquecera de tirar a calça do uniforme. A chave ficara no bolso da calça no vestiário do restaurante.

Apertou a campainha, e esperou pacientemente. Ouvia a música alta; um rock 'n'roll das antigas, que certamente vinha do quarto dos italianos. Os rapazes eram fãs incondicionais do Pink Floyd, The Doors, Eric Clapton, Dire Straits, e afins. Também sentia um forte odor de substâncias ilícitas. Com certeza estavam dando mais uma de suas festas de arromba. Se não tivesse tão cansado...

Viu a silhueta de mulher do outro lado da porta de vidro, que vinha arrastando a calda do vestido no chão. A porta se abriu. Ela disse alguma coisa sobre a chave, mas ele não a ouviu direito, pois a música estava realmente alta. Trocaram um sorriso.

Sonya estava linda vestida daquele jeito. Caminharam de mãos dadas, passaram pela porta do quarto dos italianos e subiram os degraus da escada que, ao serem pisados, rangiam como se fossem parte do cenário de um filme de terror. Uma vez dentro do quarto, ele a entrelaçou pela cintura, acariciou as costas nuas e lhe deu um beijinho no pescoço. Abriu bem a boca e os dentes pontiagudos tocaram a pele macia. Fechou a boca num golpe, e sentiu Sonya derreter em seus braços. Era tão bom se sentir amado.

\*\*\*